

LUANDA BEIRA BAHIA: UM ROMANCE PORTUÁRIO

LUANDA BEIRA BAHIA: A PORT NOVEL

Inara de Oliveira Rodrigues ¹
Bruna Santos Lima ²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar, no romance *Luanda Beira Bahia* (1971), do escritor baiano Adonias Filho, como são demarcadas as relações de trabalho no contexto histórico em que se insere a narrativa. O enredo, ambientado entre cidades portuárias da Bahia e do continente africano (Luanda, em Angola, e Beira, em Moçambique), orienta Adonias Filho, um conservador notório, a uma escrita carregada em elementos descritivos. Através de uma aventura trágica, são estabelecidas conexões entre essas cidades, que se engendram a partir de demandas comerciais, sociais e culturais vigentes naquele momento histórico. Tratamos, aqui, de apontar referentes que revelam propriedades/impropriedades no registro ficcional que o autor desenvolve sobre essas relações, destacando-se o modo como sua narrativa representa a história de homens e mulheres que viviam do trabalho no mar e portos do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Adonias Filho; História; Literatura; Cidades portuárias

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze how labor relations are demarcated in the novel *Luanda Beira Bahia* (1971), by Bahian writer Adonias Filho, in the historical context in which the narrative is set. The plot, set between port cities in Bahia and on the African continent (Luanda, in Angola, and Beira, in Mozambique), guides Adonias Filho, a notorious conservative, to a writing full of descriptive elements. Through a tragic adventure, connections are established between these cities, which are engendered by the commercial, social and cultural demands of that historical moment. Here, we are trying to point out references that reveal properties/improprieties in the fictional record that the author develops of these relationships, highlighting the way in which these relationships, highlighting the way in which his narrative represents the history of men and women who made their living working at sea and in the ports of the world.

KEYWORDS: Adonias Filho; History; Literature; Port cities.

¹ Doutorado em Letras (PUCRS). Universidade Estadual de Santa Cruz. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8950-7374>. E-mail: iorodrigues@uesc.br

² Mestranda em História (UESC). Universidade Estadual de Santa Cruz. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5843-8704>. E-mail: brunaslimaprof@gmail.com



10.23925/2176-4174.v1.2024e67055

Recebido em: 10/05/2024.

Aprovado em: 03/06/2024.

Publicado em: 06/06/2024.

Introdução

Publicado em 1971, *Luanda Beira Bahia* é um romance sobre os homens do mar, das zonas portuárias e das tragédias humanas. Com traços realistas, essa narrativa de Adonias Filho transita pelas paisagens da Bahia, nas cidades de Ilhéus e Salvador e, como enuncia o título da obra, também pelas cidades de Luanda e da Beira, nos países de Angola e de Moçambique, respectivamente.

Uma característica marcante de *Luanda...* é o uso de densas descrições do ambiente, na intenção de estabelecer certa similaridade entre cada cidade visitada por Adonias Filho em seu romance, registrando as mutações que ocorrem nesses espaços, as vivências das personagens de cada cidade, país e as diferenças nos modos de vida. Esses registros da prosa adoniana são apresentados imediatamente nas primeiras frases do romance, por meio das quais conhecemos a narradora-personagem que nos guiará durante toda a jornada de leitura, representada através de uma árvore:

Uma jindiba, aquela árvore. As raízes vinham do chão, espalhavam-se como suportes, bases do tronco imenso que, muito em cima, se abria em galho e na copa gigante. O sol, com dificuldade, filtrava entre a folhagem. Os pássaros venciam os ventos e as grandes chuvas, ninhos faziam, em torno voavam todas as tardes. E, com essas aves, aprendera a ver o mar distante, por cima de Ilhéus, saveiros e barcaças no balanço das ondas.³

Aqui conhecemos a Jindiba, figura observadora da trama de Adonias Filho. A Gindiba, na escrita atual, ou Mamajuda, possui tronco e copas altas, com grandes raízes e uma altura considerável de até 50 metros, como indica o Centro Nacional de Conservação⁴. Entretanto, a árvore não integra apenas a vegetação do Pontal (bairro de Ilhéus) dos anos de 1930, mas toma o lugar do leitor, como alguém que acompanha as peripécias da narrativa.

³ ADONIAS FILHO, 1971, p. 3,.

⁴ Disponível em: <http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/ptbr/profile/Sloanea%20obtusifolia>. Acesso em: ago. 2023.

É a Jindiba que, desde pequena muda, observara a praia selvagem transformar-se numa vila. O local onde fora plantada é também o mais conveniente para a história, junto à praia, às vistas do mar. No seu campo de visão, a Jindiba vira incontáveis chegadas e partidas pelo mar, sendo ela uma personagem importante no engendramento dessa história. No entanto, a árvore volta sempre sua curiosidade para um local em suas proximidades: o lar de Morena e de seu filho Caúla, família ilheense marcada pelos fatalismos e sinas sociais de sua classe e conjuntura.

Outrossim, essa também é uma história importante para o resgate da memória e da cultura da região sul baiana, de retorno a uma tradição familiar. *Luanda...* é a história de um jovem que, tendo apenas alguns caminhos bravios para trilhar, prossegue sua jornada para desbravar a costa africana, enxergando pela primeira vez suas possibilidades, em luta contra o destino que lhe fora atribuído antes mesmo de nascer.

Esse recurso utilizado pelo autor, o relato da árvore Jindiba, permite-lhe discorrer sobre sua interpretação do mundo, posição que também é um exemplo de sua independência criativa, uma vez que cria suas histórias sob uma perspectiva ligada às eventualidades próprias da vida e da condição humana, como a morte e o determinismo. E, para esse exercício, Adonias Filho exprime esses mundos com enredos de personagens fadadas às tragédias.

Assim, em *Luanda Beira Bahia*, no seu enredo singular, encontram-se aspectos históricos da cidade cacaueira, das representações do espaço urbano que anunciavam o crescimento exponencial de uma região que enriquecia sobretudo aqueles que já eram enriquecidos. Nesse romance, o trabalho e os trabalhadores são vetores das mudanças no cenário de Ilhéus e da tomada de decisões dos protagonistas e, para além disso, a forma de representá-los nos torna capaz de compreender mais nuances dessa sociedade marcada por certo progresso e sua decadência, através dos mares.

Literatura e História: diálogos necessários

A proposta de análise do romance de Adonias Filho, aqui em foco, requer a colocação de algumas considerações sobre as relações entre a História e o texto literário. Sandra Pesavento nos oferece algumas perspectivas que compartilhamos

sobre a ficção literária e suas representações em sintonia, de modo incontornável, com a realidade histórica.

Na conexão entre interpretações literárias e históricas, surge um campo de expectativas. Os leitores de ficção, desde o início, têm consciência de que estão se engajando com um romance ou uma novela, não sendo a veracidade o fator determinante de suas expectativas.⁵ É ao historiador que interessa a noção da temporalidade representada, que pode ou não ter correspondência com a referencialidade histórica.

Pesavento, desse modo, posiciona a História e a Literatura enquanto “formas ou modalidades discursivas que têm sempre como referência o real, mesmo que seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo.”⁶ O texto, bem o sabemos, tem também uma vida própria, independente dos desejos do escritor – seja ele historiador ou não. Pesavento endossa que, no mundo do leitor, o texto adquire sentidos imprevistos, para além da própria linguagem metafórica, apontando para dizer outras coisas e para o não dito.

O historiador transforma traços em fontes, através das perguntas que ele faz ao passado. Pesavento afirma: “tudo para ele pode se converter em fonte, basta que ele tenha um tema e uma pergunta, formulada a partir de conceitos, que problematizam este tema e o constroem como objeto.”⁷ Por conseguinte, a História quer e se empenha em atingir uma aproximação com o real, tanto quanto lhe for permitido, e é este desejo de verdade que impõe limites à criação. A história é construção de uma experiência, que reconstrói uma temporalidade e se transpõe em narrativas.

Seguindo-se as reflexões de Pesavento em suas inferências sobre as relação entre a história e a literatura na construção também da identidade⁸, é possível entender que, a partir das imagens e representações coletivas, a identidade se estabelece como uma experiência social peculiar, afirmada pelo imaginário e traduzida nas práticas sócio-afetivas que legitimam essas representações, que dão sentido à sensação de pertencimento. Pertencimento esse que guia a referência primária dessa relação interdisciplinar.

⁵ PESAVENTO, 2012.

⁶ PESAVENTO, op. cit., p. 33.

⁷ PESAVENTO, 2006, p.36.

⁸ PESAVENTO, op. cit.

Ao construir uma representação sobre o passado a partir das fontes ou rastros, nosso caminho, enquanto historiadores, é montado através de estratégias que se aproximam das dos escritores de ficção, através de escolhas, seleções, organização de tramas, uso e escolha de palavras e conceitos. Para o historiador, a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta⁹.

Dessa forma, consideramos que o historiador não cria personagens nem fatos, mas possui a capacidade de descobri-los, fazendo-os sair de sua invisibilidade. Nesse sentido, se, muitas vezes, os documentos “tradicionais” apresentam muitas lacunas em relação à realidade, por exemplo, de trabalhadores e das trabalhadoras da zona portuária, romances como este de Adonias Filho podem dar pistas importantes sobre essa temática, que é central na presente análise.

Adonias Filho: trajetória e singularidades

Adonias Aguiar Filho (1915-1990) foi um escritor baiano nascido na fazenda São João, na cidade de Itajuípe, quando esta ainda fazia parte do município de Ilhéus, advindo de uma das famílias abastadas e pioneiras no plantio do cacau nessa região¹⁰ A Academia Brasileira de Letras, da qual fez parte, apresenta uma breve biografia do autor¹¹, destacando sua trajetória, que começou quando ainda frequentara, em 1928, o internato jesuíta Ginásio Ipiranga, em Salvador.

Como pontua Robson Dantas¹², Adonias Filho iniciou sua carreira, primeiramente, enquanto jornalista nos anos de 1930, vinculando-se a grupos de intelectuais católicos no Rio de Janeiro. Em seguida, desenvolveu sua trajetória como crítico literário de romances de caráter político-social, nomeando-se, enquanto escritor, como autor de “romance de documento”, “romance naturalista” e “romance de reportagem”. Segundo Dantas, Adonias Filho também trabalhou, no Rio de Janeiro, para os jornais *A Manhã* (1944-1945), *Jornal de Letras* (1955-1960) e o *Diário de Notícias* (1958-1960); já em São Paulo, colaborou com a *Folha da Manhã* e *Estado de S. Paulo*.

⁹ PESAVENTO, 1995.

¹⁰ DANTAS, Robson Norberto. Entre a Arte, a História e a Política: Itinerários e Representações da “Ficção Brasileira” e da Nação Brasileira em Adonias Filho (1937-1976). Campinas, SP: [s. n.], 2010.

¹¹ Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/adonias-filho/biografia>. Acesso em: jul. 2023.

¹² DANTAS, op. cit.

Como escritor ficcional, Adonias Filho estreou sua trajetória com *Os servos da morte* (1946). Sequencialmente, publicou *Memórias de Lázaro* (1952), *Corpo vivo* (1962), *O forte* (1965), *Léguas da promessa* (1968), *Luanda Beira Bahia* (1971), *Uma nota de cem* (1973), *As velhas* (1975), *Fora da pista* (1978), *O largo da Palma* (1981), *Noite sem madrugada* (1983) e *Homem de branco* (1987). Segundo, ainda, informações da Academia Brasileira de Letras, Adonias Filho foi premiado em vários eventos, como Golfinho de Ouro de Literatura (1968), o Prêmio do Instituto Nacional do Livro (1968-1969), obteve duas vezes o Prêmio Nacional de Literatura; recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal da Bahia (1983) e tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras em 1965.

Entre as décadas de 1960 e 1970, sua obra passou por uma importante alteração: “[...] Em vez do romance noturno, com personagens introspectivos e de consciência moral dilacerada [...], ele passaria a escrever o que chamou de ‘ficção brasileira.’”¹³, fundindo, em suas histórias, o elemento psicológico e o espaço do sul da Bahia. Dessa maneira, o autor também trabalhou o “problema do regionalismo”, considerando que o romance brasileiro teria um caráter regional que remonta ao imperativo histórico e geográfico. Além disso, ainda segundo Dantas, Adonias Filho afirmava que a regionalização ou provincialismo - como achava mais correto - se formou de uma organização política constituída ainda no Império, sendo que a matéria ficcional se realiza na região, captando-a de forma documental.

Na leitura realizada por Proença Filho¹⁴, Adonias Filho opta por destacar “o absurdo da existência”¹⁵ em textos ficcionais que não privilegiam a realidade como matéria de literatura, mas a maneira como esta se articula com a realidade e sua representação no espaço e tempo do texto. Dessa forma, a obra adoniana vai além dos maneirismos utilizados apenas para se inserir no campo da literatura moderna brasileira.

Quanto às convicções da vida e da obra de Adonias Filho, nos anos de 1930, o autor torna-se participante intenso de uma geração que nutria a realidade de um Brasil que se queria revolucionário.¹⁶ A escrita social era então uma ferramenta de

¹³ DANTAS, op. cit., 2010, p.163.

¹⁴ PROENÇA FILHO, Domicio. A ficção de Adonias Filho: para além da dimensão regionalista. *Especiaria*. Ilhéus, v. 16, n. 29, p. 112-124, jun./dez. 2016.

¹⁵ PROENÇA FILHO, op. cit., 2016.

¹⁶ CASTRO, 1990.

denúncia do Estado e das injustiças sociais, conciliando contradições. Assim, um elemento político e ideológico imprescindível para discutir o local da escrita de Adonias Filho é sua relação com o governo Vargas e o catolicismo. Na conjuntura do Brasil varguista, ele colocou-se à disposição de um projeto para recatolizar a cultura e a nação brasileira, a Reação Católica, movimento que se engajou em ampliar a formação de uma elite aos traços da cultura católica no início do século XX.¹⁷

Para os propósitos da Reação Católica, dentre diversos intelectuais brasileiros, Adonias Filho fora escolhido para atuar como membro do Instituto Nacional do Livro (INL), setor subordinado ao Conselho Federal de Cultura, ao qual permaneceu como conselheiro de 1968 a 1973¹⁸. O INL teve importante participação no período de censura imposta pela ditadura civil-militar brasileira de 1964, atuando dentro em um sistema de coedição, visando promover obras favoráveis ao regime. Dantas lembra que, entre 1970 e 1973, também período do “milagre econômico”, o INL coeditou cerca de 30 milhões de livros, amplamente distribuídos em escolas e bibliotecas no país.

Ao avaliar os livros que receberiam ou não subsídios do governo, o INL contava com pareceristas que julgavam o teor das obras. Octávio de Faria, Marcos Konder Reis e Adonias Filho eram considerados os mais influentes nessa função, visto que carregavam consigo o mérito de serem católicos e anticomunistas¹⁹. Dantas também destaca outra atribuição relacionada aos pareceristas, que seria o veto de livros marxistas e os que “atentassem” contra a moral católica, fundamentando-se em princípios conservadores: “A moral religiosa e o combate ao ateísmo [...] [faziam com que] quase todos católicos repudiavam o erotismo e a obscenidade de palavras e situações nas obras propostas à coedição”.²⁰ Nesse sentido, Adonias Filho, dentro de suas crenças conservadoras, refletia, em suas obras, sobre o comportamento humano para explicar sua visão da realidade; realidade essa que permanecia rente aos seus princípios católicos, conservadores e anticomunistas.

Em suma, o discurso adoniano atua de forma a afirmar certo caráter moral, social, cultural e também psicológico das figuras e famílias das terras de Ilhéus. Nesse sentido, sua narrativa não estaria voltada ao registro histórico e, por esse motivo, o tempo

¹⁷ SILVA; CARMINATI, 2020.

¹⁸ DANTAS, 2017.

¹⁹ DANTAS, op. cit., 2017.

²⁰ DANTAS, op. cit., 2017, p.170.

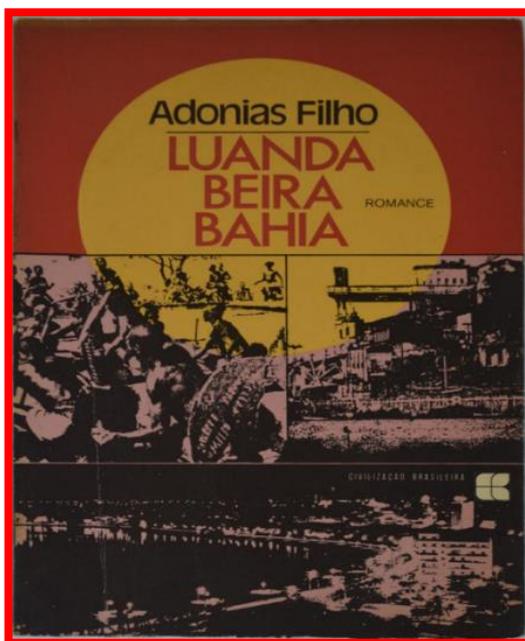
cronológico é substituído pelo psicológico das personagens, conforme perspectiva crítica de Reis²¹.

O escritor e poeta, também sul baiano, Cyro de Mattos²², refere-se a Adonias Filho como um autor de recursos originais, em que predominam a musicalidade, a densidade e uma entonação na escrita de ritmo bíblico, quase profético, criando um mundo de violência e fatalidade. Ao descrever Adonias Filho e sua prosa, Mattos afirma que o autor se vale de uma linguagem incisiva, que mistura atmosferas de pesadelo, violência e sangue.

Por estar no plano de uma realidade particular e subjetiva, Adonias Filho tem uma criação artística alinhada com sua visão de mundo. Entretanto, não há arte fora da história e Adonias Filho apresenta, a seu modo, a realidade das relações de trabalho em diversos portos do mundo, com ênfase especial sobre a região do sul da Bahia. Desenvolver uma leitura a contrapelo das representações criadas por esse autor é nosso intento a seguir.

Luanda Beira Bahia: o trabalho nos portos entre a história e a ficção

Figura 1 – Capa da primeira edição de *Luanda Beira Bahia* (1971)



Fonte: Skoob (2023)²³

²¹ REIS, 2013.

²² MATTOS, Cyro. A linguagem romanescas em Adonias Filho. *Especiaria*. Ilhéus, v. 16, n. 29, p. 46-55, 2016.

²³ LUANDA, Beira Bahia. Skoob, 2023. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/luanda-beira-bahia-17186ed18586.html>. Acesso em: 02 de jan. 2024.

Para iniciarmos nossas considerações acerca do romance em tela, apresentamos, inicialmente, uma abordagem sobre a capa do livro na sua primeira edição (ver Figura 1).

Essa capa exibe uma imagem na qual, ao fundo de um pôr do sol alaranjado, estão representados os três locais mencionados no título: Beira, Salvador e Luanda, respectivamente. As imagens que estampam o romance possuem a presença de um importante fator da escrita adoniana, que é a valorização dos espaços físicos-sociais em que as personagens habitam, seja para aproximá-las ou atribuir-lhes alguma contraposição. A primeira imagem que compõe a capa, apesar do contraste confuso, retrata um ambiente movimentado, com um grupo de guerreiros, colocando a capital moçambicana em uma espécie de local em estado "primitivo", em guerra.

A segunda cidade desenhada mostra um retrato da cidade de Salvador, vista do elevador Lacerda, situado na Baía de Todos os Santos, na Cidade Baixa, revelando um espaço onde há certo desenvolvimento urbano, diferentemente da representação de Beira. Já a terceira e última figura da composição nos apresenta Luanda, capital de Angola, vista de cima, com o Atlântico banhando toda a sua costa encurvada, elevando sua característica de diálogo com esse oceano.

Outrossim, a capa de *Luanda...* enfatiza um artifício frequente da narrativa descrita por Adonias Filho, o uso da paisagem. Esse recurso parece estabelecer o intuito do autor de propiciar registros que destaquem semelhanças entre essas cidades portuárias, o que ele obtém com o detalhismo que dedica à descrição de vilas, portos, cidades e vegetações presentes em sua narrativa.

Luanda... então começa com uma breve descrição do surgimento da cidade de Ilhéus e da vila do Pontal, como já referido, pelos olhos da Jindiba, que fora cultivada em tempos que ninguém sequer estava por perto para determinar sua origem. Nesse primeiro diálogo da Jindiba com o leitor, Adonias Filho consegue ilustrar um local de permanência. A árvore alta e forte observa durante anos e anos o mesmo lugar, fundindo-se à origem da vila e representando os vínculos familiares que ali existiam:

Talvez cem ou duzentos anos, teria visto a praia ainda selvagem, o Pontal ainda com três choupanas e Ilhéus sem o porto. Canoas, remos nas mãos de escravos e índios, o mar com farol não havia, florestas ainda cobriam os morros. Os sinos chamavam, pouco antes do anoitecer, para as rezas dos padres. Quem a trouxe, simples muda em pedaço de bambu.

E a plantou assim tão perto da praia, jamais se saberá. E ali já estava, alta e forte, quando se fez a casa.²⁴

O trecho, quando se refere à paisagem selvagem, traz consigo a sensação do remoto, visto que as referências de tempo utilizadas na prosa fazem menção a um momento em que a terra ainda recebia a pouca presença de casas. Tempo também em que a forma mais comum de exploração era a da mão de obra escrava. Com a cidade já urbanizada, a Jindiba destina sua visão à paisagem que é revelada ao leitor com a descrição de um nascer do sol:

Muito para se olhar em Ilhéus, muito mesmo, a estrada de ferro e a feira, sobretudo o centro com as lojas, as ruas calçadas e os postes da iluminação. Dia-a-dia, aos poucos, foi descobrindo a cidade. Apertada pelo mar, quase uma ilha, pequeno labirinto de ruas estreitas pelo que chegavam até o pé dos morros. O silêncio naquelas ruas vazias de povo, fechadas as janelas dos sobrados magros, o tempo a escorrer sem pressa.²⁵

E no Pontal, a natureza, então já modificada, dá lugar a uma nova dinâmica:

Fora do quadro, nem perto e nem distante, começavam as ruas. As casas baixas e pobres na areia. Moravam os pescadores e canoeiros que, na praia, guardavam as jangadas, as canoas, as redes grossas e os barcos pequenos. Pescadores, canoeiros e marinheiros os habitantes do Pontal.²⁶

Essas mutações, em seguimento das novas conjunturas do século XX, não só representavam o crescimento populacional de uma cidade ou país, mas também o avanço de um capitalismo e internacionalização que se encaminhava, em passos crescentes, no Brasil e no mundo. Em *Luanda Beira Bahia*, um dos locais que intensifica o processo de desenvolvimento da cidade de Ilhéus é o porto da Baía do Pontal, que possibilitava o trânsito de carga e o escoamento do produto mais valioso para a região, o cacau:

Não precisava subir mais, subindo quatro vezes sobre a casa, para que a Jindiba visse os navios de muitas bandeiras ancorados nas pontes do porto. Homens de vários países, alguns louros e altos, que vinham para levar o cacau. Chegavam ao Pontal, saltavam das canoas, bêbados quase todos. E, em

²⁴ FILHO, op. cit., 1971, p.3.

²⁵ FILHO, op. cit., 1971, p. 20.

²⁶ FILHO, op. cit., 1971, p. 4.

grupos, cantavam canções que não se entendia, de línguas diferentes, talvez de saudades e amores. Eram os gringos, marinheiros que lotavam na safra do cacau, vindos de alguns cantos do mundo. O menino via a fumaça dos navios e escutava os apitos de despedida.²⁷

Nesse trecho, destaca-se o caráter internacional da zona portuária ilheense. Marinheiros vindos de várias partes do mundo que, tão imersos na zona cacauera, nela formavam famílias e consumiam dos comerciantes locais. Tão diversos, compunham uma população volante da cidade.

Alguns trechos de *Luanda Beira Bahia* são dedicados tão somente a aprofundar e ressaltar ao leitor o fascínio da personagem Caúla pelo mar e pelo trabalho marítimo, descrito a partir de encontro do menino com Mestre Vitorino, dono de uma embarcação:

Mestre Vitorino morava no mar. A sua casa era a barça de dois velames e proa alta, porão fundo e tombadilho estreito. Na cabina atrás, tinha e cama, as roupas e os pertences. A pequena tripulação, quatro homens contando o cozinheiro, morava no comprido beliche que quase encostava na roda do leme levava piaçava e farinha, aquele veleiro, e trazia açúcar e tecidos baratos. Fora combustível, querosene ou álcool, pegava a carga que houvesse.²⁸

Caúla, que nunca havia entrado numa barça como aquela, passa a conhecer os detalhes dessa embarcação, a diversidade de produtos que levava e trazia e como era dividido o trabalho entre sua tripulação. No entanto, para ser dono de barco, não marinheiro, era necessário ser abastado, o que ressalta a diferença entre classes existentes mesmo em alto mar, como é possível perceber, em meio ao entusiasmo do jovem:

Rico, e muito rico - pensara Caúla - quem possuía um barco como aquele! Barco que não penderia no mar, forte como uma alvarenga de ferro, duro no madeirame de lei. Ele o vira inúmeras vezes, atracado, no balanço da ondulação. [...] Inveja nunca tivera de ninguém, mas de mestre Vitorino, o dono, ele sentia²⁹.

²⁷ FILHO, op. cit., 1971, p.8.

²⁸ FILHO, op. cit., 1971, p.30.

²⁹ FILHO, op. cit., 1971, p. 30.

E então, há o reforço de uma perspectiva determinista ditado pelo sangue e hereditariedade, dessa vez refletido pelo dono da barcaça:

Mestre Vitorino encostado na cama com o cigarro entre os dedos. Quem, naquela idade, assim admirava um barco? Quem seria aquele? Sangue de marinheiro, talvez, nascido para o mar como os outros nascem para a lavoura e o comércio.³⁰

Ainda que movimentada por essa dinamicidade de figuras, Adonias Filho caracteriza a vila do Pontal como um lugar pobre, visto que era majoritariamente habitada pelos que trabalhavam no porto, homens pobres perdidos num processo de produção que lhes oferecia algumas das poucas alternativas de emprego. Através de um pesado olhar determinista, *Luanda...* nos coloca a par dessas tais escolhas, quase compulsórias, que os trabalhadores de Ilhéus e Baía tinham de fazer:

Os homens de Ilhéus, ali do Pontal e do Malhado, tinham apenas dois caminhos — dois caminhos e nada mais. Entravam matas a dentro para o ventre das selvas ou saíam mar afora para os portos do mundo.³¹

Na mesma página do último fragmento, segue:

[...] Preferiam o mar, os brancos e os negros, os de sangue português e africanos, enquanto os caboclos de sangue índio escolhiam os sertões.³²

Essas determinações, atribuídas às categorias de trabalhadores pobres, também são reiteradas através de uma crença na hereditariedade do trabalho. Adonias Filho toma essas escolhas como predestinadas e intrínsecas ao sangue e à origem de cada um.

Mais alguns trechos endossam essa determinação definida pelo autor ao povo de Ilhéus, a exemplo da personagem Morena, temerosa mãe do protagonista, que sofria constantemente com a possibilidade do filho, assim como o pai, escolher os caminhos do mar:

³⁰ FILHO, op. cit., 1971, p. 31.

³¹ FILHO, op. cit., 1971, p. 13.

³² FILHO, op. cit., 1971, p. 13.

Homem nascera o seu filho, nele o sangue do pai, talvez chegasse o dia em que também se fosse. Pensou em vender a casa e entrar nas roças de cacau para protegê-lo contra o mar. Ali estava ele, o mar, rosnando e espumando como um bicho vivo [...] A única coisa que podia fazer era ficar e valer-se do mar para ganhar dinheiro. E ficou ali detida como uma árvore, vendo o menino crescer.³³

Ainda no processo de reafirmação desses determinismos, agora pela voz da Jindiba, a trama destaca as semelhanças entre Caúla e outros filhos de marinheiros, todos parte de uma infância abandonada. Segundo a árvore, esses órfãos manifestavam forte ligação com o mar, tratando-o, assim como os pais, em alto mar, como sua moradia:

Trabalho para Caúla era uma exigência. Fora da escola, menino e sem qualquer vigilância, solto no Pontal [...] O marido, aquele João Jones, ali deixara o filho como órfão. Não era, porém, o único órfão. Os meninos dos marinheiros - e assim o povo os chamava- reuniam-se em bando com os donos das praias, queimados de sol, mais moradores do mar que das próprias casas.³⁴

Essa preferência de Caúla e de outros indivíduos pelo trabalho do mar era presente não somente nas intenções do menino. O historiador Flávio Gonçalves dos Santos, em artigo de 2016³⁵, expõe mais alguns motivos que atraíam os homens que optavam pelo trabalho marítimo e portuário, ao declarar:

O fato é que a alternativa de estar no Atlântico, ainda que pudesse existir antes da organização do porto de Ilhéus, tornou-se mais contundente a partir dele, sobretudo com a navegação de longo curso e o aumento do fluxo das embarcações que se dedicavam à grande cabotagem. A pequena cabotagem, feita por saveiros e embarcações à vela, assim como a atividade pesqueira, deixaram de ser a principal alternativa de obtenção de sustento através do mar. Além disso, também se constituíam como uma opção para os que não estavam dispostos ou não

³³ FILHO, op. cit., 1971, p. 14.

³⁴ FILHO, op. cit., 1971, p.19.

³⁵ SANTOS, F. G. dos. A Baía do Pontal – Ilhéus: relações do porto com a cidade (1911-1971). *Revista Crítica Histórica*, [S. l.], v. 7, n. 13, 2016. DOI: 10.28998/rchv17n13.2016.0002. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2993>. Acesso em: 26 jan. 2024.

podiam viver da agricultura, do comércio ou da prestação de serviços urbanos.³⁶

Novamente pelo olhar da Jindiba, a narrativa avança trançando o perfil do porto, local responsável por abrigar um significativo contingente de trabalhadores, todos envolvidos, direta ou indiretamente, nos processos de embarque e fluxo de produtos, como o tão relevante cacau, representado a seguir:

Onde se fazia o comércio era diferente. E ainda diferente, a zona do porto com o Pontal em frente e os armazéns das docas e dos depósitos de cacau bloqueando o espaço. O cheiro de chocolate, ali, tudo impregnava. Navios esperavam, atracados, enquanto homens desciam para levar sacos de cacau aos porões. Aquilo, visto do alto, lembrava um formigueiro. Homens em filas, andando apressados com os sacos nas costas, sumiam no ventre de ferro.³⁷

Ainda que sejam focos predominantes as relações de trabalho ligadas ao mar, no romance *Luanda...*, o narrador faz uma menção aos homens e mulheres que trabalhavam no roçado. Morena, mulher cabocla, ao deparar-se desassistida pelo destino, pondera deixar sua casa na vila para acompanhar a rotina da família nas matas de Olivença:

O povo de seu pai trabalhava na lavoura, um sítio grande de mandioca que tinha nos cantos a criação de porcos. A casa-de-farinha, o pai e três irmãos, gente que plantava mandioca e vendia farinha na feira. Matava os porcos, retalhava a carne e aproveitava o toucinho. [...] Em tempo de farinha, porém, e já que vizinhos chegavam para ajudar na labuta, havia festa no dia em que se fechavam os sacos.³⁸

A lembrança familiar de Morena destaca a presença de outras culturas na região, como é o caso da mandioca. É interessante também contemplar que o plantio não era algo exclusivo de uma única família de lavradores, mas de seu conjunto e comunidade, visto que esses também estavam inseridos dentro do processo de plantio e beneficiamento. Dessa forma, a época da safra se torna um importante evento para esses trabalhadores do campo, com festas que

³⁶ SANTOS, op. cit., 2016, p. 245.

³⁷ FILHO, op. cit., 1971, p. 20.

³⁸ FILHO, op. cit., 1971, p. 10.

expressavam sua felicidade e gratidão pelo alimento que provia o sustento de todos.

Luanda Beira Bahia é, também, uma narrativa sobre a degradação do núcleo familiar considerado “padrão” de acordo com os valores conservadores de então. A começar pelo protagonista, Caúla é um jovem criado pela mãe Morena, em uma pequena casa no Pontal, junto ao local onde a Jindiba se enraizara. O trecho a seguir fala do lar em que Caúla crescera, construído pelo seu faltoso pai, João Jones (ou Sardento), na companhia constante de nossa conhecida observadora:

Ergueu a cabeça, o homem, parecendo mais alegre que assombrado ao vê-la. Tinha sardas no rosto, feliz era sempre a cantar. Não a tocou e, se cortou o capim com a foice e limpou a terra com a enxada, trouxe a madeira – para a armação, o teto, as portas, as janelas e a varanda – em junta de bois de arrasto. Outros vieram para ajuda-lo naquele trabalho de todos os dias, os tijolos empilhados, o barro na areia, levantando uma casa. As paredes da sala, os dois quartos, a cozinha a varanda. Tudo, inclusive as telhas arrumadas, tudo a Jindiba viu.³⁹

Essa constatação também pode ser endossada em trecho no qual a Jindiba relata seu testemunho o crescimento do protagonista, do menino Caúla:

Crescido, brincando na porta, a árvore em frente talvez enxergasse e ouvisse como ele próprio. Incapaz de comover-se, porém, em sua curiosidade medonha. A maior testemunha porque sem cérebro, sem sangue e sem coração. E aquela árvore, como a mãe, devia ter esperado o pai. Por que não voltara? Por que não aparecia? Mulher sem homem, no Pontal, a mãe não era a primeira.
— A culpa é do mar - as mulheres diziam.⁴⁰

Dessa forma, a mãe de Caúla ocupa na trama a representação do abandono dentro das famílias da vila, como esta reforça ao rememorar a partida do marido João Jones, no fragmento:

Um ano, ele dissera. Palavra de João Jones, um ano. E dez anos se passaram [...] O mar levava os homens para muito longe. Voltavam alguns, quando voltavam, e outros desapareciam como se morressem⁴¹.

³⁹ FILHO, op. cit., 1971, p.4.

⁴⁰ FILHO, op. cit., 1971, p. 9.

⁴¹ FILHO, op. cit., 1971, p.12.

Em Ilhéus e Baía do Pontal, mulheres como Morena, mães e sem marido, poucas opções tinham enquanto trabalhadoras:

Verdade, verdade, a árvore tinha que conhecer a mãe no corpo e na alma. Redondo rosto, corridos os cabelos de cabocla, os seios grandes. Vê-la na tina, lavando a roupa, as coxas grossas. Existias para o filho, trabalhando duro como lavadeira, remendando redes dos pescadores, arrumando dinheiro para a roupa e a comida. A alma devia ser forte como os seus braços e grande como as suas mãos.⁴²

Diferentemente do trabalho braçal que a mãe de Caúla realizava para garantir seu sustento, uma outra mulher se destaca no texto. Também trabalhadora, Adonias Filho nos apresenta a personagem Maria da Hora, mulher com o ofício de professora, e assim a descreve:

A mulher, acurvada de tão alta e magra, grossas as lentes dos óculos para vencer a miopia, a saia abaixo do joelho, a blusa caindo reta que não havia seios, os cabelos de carrapicho, comeu o doce de caju com o queixo se movendo no rosto parado. Negra, as unhas sem pintura, os dedos sem anéis, o colar de contas no pescoço. Os olhos examinavam os objetos na sala [...]. Estava perto, Caúla. Vira quando a professora Maria da Hora se detivera à sombra da Jindiba para, abrandando o calor, cortar o sol da tarde [...] Chegava para falar com a mãe sobre ele, dizer que já não podia continuar na escola. Aprendera o que tinha a aprender⁴³.

A professora de aparência comedida, negra e letrada, era personagem incomum para época e para essa história de Adonias Filho, pois o autor pouco se dedica ao trabalhar suas personas femininas na trama. Em *Luanda...* as figuras das mulheres são retratadas a partir de um olhar conservador, que as reconhecem como constantes vítimas do abandono, mas, muitas vezes, são apenas figuras despersonalizadas, a exemplo das que trabalhavam na prostituição.

Não só os ofícios mais tradicionais ligados ao mar, como o dos pescadores, canoeiros e estivadores se beneficiavam do porto. Faz-se necessário ressaltar o caso

⁴² FILHO, op. cit., 1971, p.9.

⁴³ FILHO, op. cit., 1971, p. 17.

dos cabarés e bares que atendiam, em maior demanda, a população dos marítimos que vinham e voltavam de Ilhéus para os oceanos do mundo:

As lâmpadas fracas, um lago de calma aquela baía, os grandes navios espantavam os saveiros. Todos os caminhos, agora, davam na rua do Dendê, a rua das mulheres e dos marinheiros. A música, a bebida e o barulho nos pequenos cabarés, falava-se o sueco e o inglês, homens louros e altos que cantavam nas espeluncas. As mulheres, algumas quase meninas, sabiam como esvaziar os corações e as algibeiras daqueles gigantes suecos. ⁴⁴

Desse trecho, destaca-se a condição das prostitutas (não raro, algumas ainda meninas – o que não é problematizado) como mulheres espertas, capazes de iludir e ganhar o dinheiro dos estrangeiros.

Outras divisões de trabalho ligadas ao movimento urbano de Ilhéus apresentam-se no início da trajetória de Caúla, onde ele, para acalmar os receios da mãe em relação ao mar, exerce, durante anos, a função de ajudante de sapateiro. Na passagem a seguir, o jovem descreve seu local e condições de trabalho:

Morada e oficina a casa. Tinha que passar pela oficina quem quer que desejasse ter acesso à morada. Outra porta, nos fundos, e sempre fechada, levava ao corredor que desembocava na sala, nos quartos e na cozinha. A cal descascava nas paredes. Equilibrava-se a lâmpada no fio que pendia no teto. A mesa longa e baixa em torno da qual se sentavam os dois ajudantes e ele, Caúla, o aprendiz. O patrão, Terto Benevides, no canto da frente, próximo à janela em sua mesinha redonda onde guardava o dinheiro. Os seis anos que ali esteve com as mãos na cola e no couro, aprendendo a consertar sapatos, passaram muito depressa. Tão depressa que, uma noite, não voltou ao Pontal. ⁴⁵

Desse excerto destaca-se a situação de Terto Benevides que, mesmo contando com dois funcionários em sua oficina, não se tratava de um homem rico ou da nobreza cacaueteira, visto que seu local de sustento era sua própria casa. A descrição do imóvel, de aparência deteriorada pelo tempo, nos leva a reconhecer a existência de falta de recursos para sua melhoria.

⁴⁴ FILHO, op. cit., 1971, p. 29.

⁴⁵ FILHO, op. cit., 1971, p. 24.

Outros trabalhadores da região dependiam de funções disponíveis sazonalmente, já não bastando as colheitas condicionadas às estações e climas. Um ofício que se adapta melhor dentro de voláteis conjunturas é o circense. Caúla fica fascinado ao visitar pela primeira vez o espaço de trabalho desses itinerantes:

[...] o palhaço com o sapato nas mãos, o sol muito claro. E logo Trombone perguntou:
— Você já viu um circo?
— Já — ele respondeu.
— Assim por dentro, sem espetáculo, descansando?
— Assim, não!
Trombone, o palhaço, pediu quase ordenando:
— Vá, Alice, mostre o circo a ele.
As arquibancadas em círculo estavam vazias. O picadeiro em silêncio com os trapézios parados. ⁴⁶

A narrativa segue, até o fim de sua primeira parte, acompanhando a pacata vida de Caúla, ainda ajudante de sapateiro, e sua mãe Morena, agora adoentada. É num desses ordinários dias que o jovem recebe a trágica notícia: a morte da mãe. O menino que já era chamado de órfão pela ausência de pai, agora era também órfão da mãe. Não tendo mais a figura materna que o impedia de seguir o caminho do mar, Caúla não hesita quando recebe do marinheiro Mestre Vitorino a proposta de zarpar. Já embarcados, seguem em direção ao porto da Bahia (Salvador) e, logo após, para os destinos na África mencionados no título desse livro, Luanda e Beira.

Na segunda parte do romance, conhecemos Luanda, capital de Angola, descrita, assim como Ilhéus, a partir das suas características naturais. Lá, Caúla observa, no cais, suas semelhanças com Salvador, como mostra o trecho:

Os cargueiros de ferro, com os porões cheios, os tombadilhos estreitos, os fogos das caldeiras comendo carvão, e porque não estremecem nas carcaças, sabem que estão em Luanda [...] as praças velhas de séculos, os sobradinhos magros e os casarões pesados, tão iguais às de Salvador da Bahia que até o calçamento é o mesmo. Ver os mercados, sobretudo aquele dos pobres, é voltar à Bahia, andar de novo com os negros, comer as mesmas frutas, pegar no ar o cheiro do dendê fervendo. ⁴⁷

⁴⁶ FILHO, op. cit., 1971, p. 26.

⁴⁷ FILHO, op. cit., 1971, p. 40.

Na zona portuária de Luanda, assim como no Pontal, mulheres e seus filhos enfrentam o abandono dos maridos que chegam e vão embora pelas embarcações que desbravam o mar. Dentre a filha de uma dessas mulheres, está luta, apresentada brevemente, visto que, em outro momento da narrativa, amarrará seu caminho eternamente ao de Caúla.

Já na terceira parte, o livro desembarca na cidade de Salvador, na Bahia. Adonias Filho então faz uma descrição do modo de vida da capital baiana, enriquecendo a narrativa com elementos para a ambientação do leitor. Ainda nessa parte, rápida atenção é dada à jornada de João Joanes, o Sardento, agora no tempo presente, em Salvador. Enquanto Caúla, já com 20 anos, se apaixona perdidamente pela primeira mulher que segurou em seus braços, a bela Conceição do Carmo.

A quarta seção inicia-se com o retorno de luta à trama. A jovem, de apenas 18 anos, é então descrita como uma moça de pele morena, filha de uma angolana e de um brasileiro que vivera brevemente em Luanda; mãe e filha, em meio aos marinheiros e demais visitantes da costa, tiravam seu sustento na venda de frutas numa barraca à beira do porto. Ao explorar as nuances da vida dessa personagem, o autor mostra mais características de Luanda, estabelecendo, novamente, uma comparação entre a cidade africana e Ilhéus. Ainda na quarta parte, a trama se volta para o passado, no momento em que João Jones chega em Luanda, onde descobrimos que o marinheiro, usando o falso nome de Vicar, é também pai de luta.

Na quinta parte, a narrativa de Adonias Filho divide sua atenção entre as cidades de Salvador e Beira, em Moçambique. Embarcado, Caúla passa por Ilhéus através do mar e, de longe, vê a alta e velha amiga Jindiba, representando sua saudade de casa. Seguindo em direção a Salvador, o jovem, perdidamente apaixonado por Maria do Carmo, vai em busca de seu reencontro. Descrita no texto como uma mulher “de vida fácil”, logo se releva prostituta, causando grande decepção a Caúla.

Desiludido, nosso protagonista segue seu caminho não só para outro porto, mas outro oceano, o Índico, na cidade moçambicana de Beira. A passagem pela cidade moçambicana é breve, tanto para o leitor quanto para Caúla. O protagonista, ainda sofrendo com a desilusão com Maria do Carmo, conhece Maria-do-Mar, mestiça criada

entre os pescadores, vivendo mais uma de suas experiências amorosas pelos portos do mundo.

Na sexta e última parte do livro, Caúla, que retorna mais uma vez à Luanda, conhece luta e rapidamente os dois se apaixonam. Por fim e após vários acontecimentos, o casal resolve voltar para Ilhéus e formar sua vida lá, agora com luta grávida. A volta à terra natal representa, assim como a Jindiba, a permanência e a segurança do laço familiar, fincando raízes na terra, assim como a árvore a faz. No entanto, uma importante personagem volta para a casa de Caúla antes dele, seu pai João Jones (o Sardento). É então nesse cenário do reencontro, tão esperado pelo leitor, que Caúla e luta chegam de barco ao Pontal, sem saber da desventura que lhes ocorrerá.

João Jones, ao encarar quem chegava à sua porta, não vê seu filho com Morena, mas uma moça que, rapidamente, reconheceu como sua filha de Luanda, luta. Momentos depois, Caúla entra na casa e reconhece seu pai, esbravejando-o: “Pai dos infernos!”. Após o maldizer do filho, João Jones constata que Caúla e luta, deixados por ele ainda na infância, são amantes. A sequência então é interrompida e o narrador nos revela, apenas na presença dos curiosos do Pontal, o trágico desfecho da família: um filicídio e suicídio. É João Jones o assassino que, a tiros, mata seus dois filhos e o neto, ainda no ventre de luta.

É em consequência do cenário sanguinolento, que assistimos a morte também da nossa observadora, a Jindiba, derrubada pelo pescador Pé-de-Vento. A morte da Jindiba nos faz retornar à Caúla, que, em Beira, assim rememorava:

Os olhos fechados, ali deitado, ouviu o ruído da folhagem e era o vento que movia a Jindiba. Na porta da casa, ele um menino, a árvore enorme que o vira nascer. O maior bem, depois da mãe, no Pontal de Ilhéus. ⁴⁸

Num último ato, Adonias Filho conclui sua história mostrando a construção de um caixão coletivo, feito do tronco e galhos da Jindiba, num trabalho conjunto entre os pescadores da vila. A procissão silenciosa então segue pelas ruas da Baía do Pontal, em meio a gente enlutada, para enterrar a funesta família.

Considerações Finais

⁴⁸ FILHO, op. cit., 1971, p. 108.

Ao finalizar a leitura desse romance, podemos entender que, na intenção de dar significado subjetivo ao porto e aos trabalhos relacionados com o mar, Adonias Filho utiliza-se de muitas metáforas e outros elementos literários para fazer do espaço portuário a representação que deseja à *Luanda...*, por vezes romantizando-o. Essa presença do porto na ficção é pontuada por Cezar Honorato em seu livro *O polvo e o porto: a Cia das Docas de Santos*⁴⁹: “O fascínio do porto se diferencia do encantamento das mercadorias. O porto dos poetas e dos cronistas, o porto pictórico, é um fetiche. Qual fosse mercadoria, o que nos encanta é sua aparência, não sua essência.”⁵⁰

Honorato então atribui um caráter fetichista às descrições ficcionais do porto, utilizado amiúde como ambientação em romances, peças, poemas e canções. Essas atribuições agregam um caráter ilusório e de encantamento, relacionando a beleza do local com uma essência que não lhe é própria. Ao lermos as palavras do historiador, não podemos deixar de lembrar, constantemente, que o porto e seu aparato — seja gerido pelo Estado ou por corporações — são agentes de grandes deformidades ambientais e, assim como toda engrenagem presente no processo capitalista, utiliza e explora forças de trabalho em vista do lucro, pouco ou nada sendo considerado em relação à qualidade de vida da população local, sobretudo a mais pobre.

Referências bibliográficas

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/adonias-filho/biografia>. Acesso em: 08 abril. 2024.

ADONIAS FILHO. *Luanda Beira Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1971.

CASTRO, Silvio. Literatura e ideologia em Adonias Filho. *Rassegna Iberistica*. n. 40 (settembre 1991), pp. 15-22, 1991.

DANTAS, Robson Norberto. *Entre a Arte, a História e a Política: Itinerários e Representações da "Ficção Brasileira" e da Nação Brasileira em Adonias Filho (1937-1976)*. Campinas, SP: [s. n.], 2010.

DANTAS, Robson Norberto. Adonias Filho: itinerários e representações políticas. *Especiaria*. Ilhéus, v. 17, n. 31, p. 157-175, jun/dez. 2017.

⁴⁹ HONORATO, Cezar. *O polvo e o porto: a Cia das Docas de Santos (1888-1914)*. Santos: Hucitec; Prefeitura Municipal de Santos, 1996.

⁵⁰ HONORATO, op. cit., 1996, p. 243.

HONORATO, Cezar. *O polvo e o porto: a Cia das Docas de Santos (1888-1914)*. Santos: Hucitec; Prefeitura Municipal de Santos, 1996.

MATTOS, Cyro. A linguagem romanesca em Adonias Filho. *Especiaria*. Ilhéus, v. 16, n. 29, p. 46-55, 2016.

PESAVENTO, S. J. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX). Anos 90. [S. l.], v. 3, n. 4, p. 115–127, 1995. DOI: 10.22456/1983-201X.6158. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6158>. Acesso em: 21 maio. 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*. n. 6, p. 21, 2006.

PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. *Revista História da Educação*. [S. l.], v. 7, n. 14, p. 31–45, 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30220>. Acesso em: 20 abr. 2024.

PROENÇA FILHO, Domício. A ficção de Adonias Filho: para além da dimensão regionalista. *Especiaria*. Ilhéus, v. 16, n. 29, p. 112-124, jun./dez. 2016.

REIS, Vanessa dos Santos. *As influências do trágico na prosa de Adonias Filho*. 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Literatura e Diversidade Cultural, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2013.

SANTOS, Flávio Gonçalves dos. A Baía do Pontal – Ilhéus: relações do porto com a cidade (1911-1971). *Revista Crítica Histórica*, [S. l.], v. 7, n. 13, 2016. DOI: 10.28998/rchv17n13.2016.0002. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2993>. Acesso em: 26 jan. 2024.

SANTOS, Flávio Gonçalves dos. Dois Caminhos: o porto e as opções de trabalho no sul da Bahia entre 1872 e 1940. *Almanack*, [S.L.], n. 21, p. 205-238, abr. 2019. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320192106>.

SILVA, A. B. da; CARMINATI, C. J. Recatolizar a Nação: Intelectuais Católicos na Comissão Nacional do Livro Didático (1938-1969). *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 33, n. 68, p. 885–924, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/46925>. Acesso em: 25 dez. 2023.